



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

05 e 06 de novembro de 2016

**Notícias do Dia
Plural**

“Voz de uma geração”

Voz de uma geração / Sandy / Florianópolis / Show / Meu Canto / UFSC /
Centro de Cultura e Eventos



Sandy nunca esteve em Florianópolis com seu show solo. Quando fazia dupla com o irmão, lotou algumas apresentações na cidade, como no estádio Orlando Scarpelli e no Centrosul nos anos 1990 e 2000. Finalmente chegou a tão esperada data, depois de seis anos de estrada solo, na noite deste sábado, pontualmente às 21h, Sandy, subirá ao palco do Teatro da UFSC para o show do DVD "Meu canto - Ao Vivo". Ídolo de muitas crianças, adolescentes e jovens que hoje tem entre 20 e 35 anos a cantora atendeu ao *Notícias do Dia* por telefone. Falou sobre o repertório, a relação de saudosismo que ainda existe ente os fãs da dupla e a opção por uma vida discreta em relação a mídia.

KARIN BARROS
karin.barros@noticiasdoDia.com.br

Sandy turnê "Meu Canto"

● **QUANDO:** 5/11, abertura às 20h, e início do show às 21h.

● **ONDE:** Teatro - Centro de Eventos UFSC, rua Des. Vitor Lima, 117, Trindade, Florianópolis.

● **QUANTO:** a partir de R\$ 250 (cadeira alto central) - Clube ND dá 25% de desconto. À venda na loja e site Ingresso Rápido, no Belmar Shopping. Informações: (48) 3879-7469.

CLUBE
ND
FOLHA

É muito legal, porque é bom ver que a gente fez parte da vida das pessoas, marcou a juventude. É bonito ver isso hoje em dia. Fico super feliz e tenho muito orgulho do meu passado. Foi ele que me construiu como pessoa e profissional."

ND - Não sei se você acompanhou, mas a divulgação do seu show em Florianópolis causou nas redes sociais. Porque você demorou tanto para vir para a cidade com a carreira solo?

Sandy - Ai que bom saber. Não sei, não depende muito de mim, vou onde me chamam, onde tem teatros adequados para esse tipo de show. E agora vimos que o público tava querendo muito o show e foi a hora.

ND - Conhece Florianópolis ou já teve a oportunidade de dar um passeio aqui?

Sandy - Floripa mesmo eu não conheço muito bem, mas passei uns quatro dias num resort bem aí perto, tinha uma estrada de chão que ia bem longe e uma ilha deserta, mas foi muito lindo, eu amei estar aí.

ND - Muitas crianças e jovens que cresceram te ouvindo cantar te viam como um ídolo, alguém para se espelhar. Hoje, muitos deles talvez não acompanhem tanto a sua carreira solo, mas ainda sentem essa necessidade de te ver cantar ao vivo. Você consegue entender a dimensão desse carinho?

Sandy - Interessante esse ponto de vista. As pessoas que eram minhas fãs eram muito jovens, adolescentes, e nessa época, às vezes, começam a ficar com um pouco de vergonha de dizer que gostavam de Sandy e Junior, porque por termos começado crianças, parecia algo infantil. Muita gente que gostava depois passou a negar, depois passou essa fase autoafirmação, e não tem mais esse problema de admitir que gosta, acho que é um pouco do retorno dessas pessoas no show, e eu vejo muito isso e entendo.

ND - Tudo bem para você quando as pessoas pedem que cante músicas da carreira da dupla?

Sandy - É muito legal, porque é bom ver que a gente fez parte da vida das pessoas, marcou a juventude. É bonito ver isso hoje em dia. Fico super feliz e tenho muito orgulho do meu passado. Foi ele que me construiu como pessoa e profissional.

ND - Acha que as pessoas ainda tem dificuldade em te dissociar do Junior? Acha natural ou em algum momento parou para repensar o seu papel?

Sandy - Hoje em dia não sinto mais isso, mas não foi um processo muito rápido para mim. Sandy e Junior ficou muito marcado, era um nome muito forte.

Foram 17 anos de carreira, com muitos hits de sucesso, muitos CDs, programa de TV, brinquedos. Eu também demorei um pouco para voltar aos palcos (foram quase três anos), e isso me ajudou, porque existe essa coisa do saudosismo, de falarem para gravar algo com meu irmão, fazer programa com ele. Mas aí fui percebendo que era só saudade. É melhor quando a gente percebe, reconhece esse sentimento, porque muda no coração o que a gente sente em relação a tudo isso, e não dá para negar ou renegar o que aconteceu.

ND - Você é muito discreta, e pouco se sabe da sua vida, da sua família, na mídia. Existe um cuidado a mais com a superexposição? Acha que já foi muito exposta quando era criança?

Sandy - Crescer nos holofotes da mídia não foi muito fácil, toda a minha infância, adolescência, tudo. Ser tão exposta durante toda a vida é uma coisa muito difícil, então fui colocando meus limites, entendendo como funcionava melhor para mim. Eu entendi como eu conseguia lidar e sobreviver a tudo aquilo. Foi aprendendo apanhando, caindo e levantando. Por isso, resolvi me preservar. Era assim que conseguia dar conta. Hoje, que tenho um filho, não quero que ele passe pelo o que eu passei, o Lucas, meu pai, meu tio. Não quero que no primeiro dia de aula tenha um paparazzi na porta da escola dele. Ele é só uma criança, tem o direito de ter a vida preservada, e eu e o Lucas ainda podemos decidir isso e tentar.

ND - Como será o repertório do show?

Sandy - Duas músicas da dupla sempre tem que ter se não os fãs me matam (risos). Mas vai ter música de todos os discos da carreira solo, mais as cinco inéditas desse DVD, duas releituras, uma do Nando Reis e uma em homenagem ao meu avô. Quem conhece o DVD novo, vai ser exatamente como ele, com o cenário todinho, banda e figurino.

ND - O que espera da apresentação aqui? Nós estamos ansiosos.

Sandy - Estou muito ansiosa para voltar também. Lembro do último show, era em um lugar fechado, tinha muitos pessoas em pé. E agora aumenta ainda mais expectativa por fazer muito tempo que vou aí. Tenho um carinho enorme pelo povo de Santa Catarina. Vou fazer esse show com todo amor do mundo.

Diário Catarinense - Informe Comercial "Seu médico, seu parceiro"

Seu médico, seu parceiro / Medicina / Cirurgia plástica / Zulmar Accioli / Palestina / Faixa de Gaza / Cisjordânia / Santa Catarina / Mutirão Nacional de Reconstrução de Mamas / Hospital Universitário / Voluntário / Residência de Cirurgia Plástica / Professor / Técnica Operatória e Cirurgia Experimental / Departamento de Cirurgia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Associação Catarinense de Medicina / Cidadão Honorário de Florianópolis / Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores de Florianópolis / Assembleia Legislativa de Santa Catarina / ACM

Informe Comercial



ACM
Associação Catarinense de Medicina

Seu Médico, Seu Parceiro

Sem fronteiras para salvar vidas

"A medicina e a cirurgia plástica são instrumentos de resgate da dignidade do ser humano, ajudando-o a voltar ao convívio social". A definição é do médico Zulmar Accioli, que aos 48 anos de idade já acumula experiências profissionais humanitárias em regiões do mundo destroçadas pela guerra e pela pobreza. Foi sete vezes à Palestina, Faixa de Gaza e Cisjordânia, onde ajudou a salvar incontáveis vidas. Em Santa Catarina, organizou o Mutirão Nacional de Reconstrução de Mamas e o tratamento de mulheres e crianças vítimas de violência. Foi médico voluntário do Hospital Universitário, onde atualmente é coordenador da Residência de Cirurgia Plástica.



Formado em 1993, foi desenvolver sua prática em Cirurgia Plástica na França, onde obteve os títulos de Cirurgia Reconstructiva do Membro Superior e dos Nervos Periféricos, Microcirurgia Reconstructiva, Mestrado em Neurociência e Doutorado em Ciências Médicas. Hoje, é professor em Cirurgia Plástica, Técnica Operatória e Cirurgia Experimental do Departamento de Cirurgia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Com sua experiência, Zulmar Accioli sabe o que faz um médico ser verdadeiramente parceiro daqueles que procuram ajuda no consultório ou no hospital. "Ser um médico parceiro é saber escutar, diagnosticar com cuidado, fornecer a opção para o melhor tratamento e ser remunerado corretamente pelo seu trabalho".

O cirurgião plástico é associado da Associação Catarinense de Medicina desde 1999. Já recebeu várias homenagens, mas destaca a condecoração, por duas vezes, do Ministério da Saúde da Palestina, pelo atendimento às crianças durante a guerra. Foi também agraciado com o título de Cidadão Honorário de Florianópolis e obteve Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores da capital e da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. "Seu médico" 7 dias por semana, de madrugada, aos domingos e durante as festas. Ajo e penso como médico 24 horas do dia".

Parabéns Dr. Zulmar Accioli, médico parceiro dos catarinenses!

ACM promove exame multiprofissional para Saúde

Neste ano de 2016, a ACM (Associação Catarinense de Medicina), em cooperação técnica com a Amrigs (Associação de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul) e com a Fundatec (Fundação Universidade Empresa de Tecnologia e Ciências), institui o Exame Unificado para processo seletivo em programas de residência multiprofissional em saúde. Profissionais do setor de toda Santa Catarina têm até o dia 17 de novembro para se inscrever no processo seletivo da pós-graduação, lato-sensu, em regime de dedicação exclusiva, com bolsa oferecida pelo Ministério da Educação ou entidade mantenedora do programa. O Exame Unificado tem por finalidade selecionar profissionais para atendimento à saúde em sua área de formação (exceto medicina).

Acceso o site e inscreva-se: fundatec.org.br/portal/concursos
Indique aos seus colegas que possuem profissões relacionadas à área da saúde!



www.acm.org.br

Esta Coluna é uma homenagem da Associação Catarinense de Medicina aos médicos que se destacam na defesa da saúde de qualidade dos catarinenses, na luta pelo mais importante direito do cidadão: plena e por condições dignas de trabalho daqueles que diariamente protegem a vida.



Diário Catarinense Informe Comercial

"A busca pelo ofício"

A busca pelo ofício / Provas / Vestibular / Comissão Permanente do Vestibular / UFSC

04 INFORME COMERCIAL | EXCURSÕES

A busca pelo ofício

No processo de se fazer provas, o aluno está em um autoconhecimento. Sozinho, ele aprende o segredo do exame e esboça o que é mais cobrado naquela banca.

Para descentralizar as expectativas, é importante que o aluno faça a maior quantidade possível de provas, a fim de conhecer o estilo do certame, além de se sentir confiante e seguro. Nesse sentido, o Acesso Educação orienta os estudantes a fazerem os vestibulares sem receio, com o objetivo de promover a própria confiança.

As excursões começam quando são preparadas as aulas específicas. Toma-se como exemplo, o vestibular da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Assuntos peculiares do estado vizinho como História, Geografia, a lista de obras literárias e até mesmo Filosofia – cobrada na segunda fase da prova, são devidamente preparados pelos professores no contraturno aos interessados.

Ao analisar 23 provas* que ocorrem na região Sul neste final de ano, a inscrição de vestibular mais cara para o curso de Medicina foi a da Pontifícia Universidade Católica – PUC, no Paraná. O candidato desembolsa R\$ 345,00 para concorrer a uma das vagas ao responder 20 questões objetivas mais uma redação em formato resumo de manhã e 60 questões mais um texto dissertativo à tarde. Além disso, esse valor reflete na mensalidade: R\$ 5.163,41 segundo dados da instituição no segundo semestre de 2016.

Porém, de acordo com Maycon Pereira, responsável financeiro do Acesso, o custo não deve ter um peso tão significativo, apesar de ser uma das variáveis na hora de escolher qual vestibular fazer. "É aconselhável ir um dia antes nos casos em que a prova ocorre no período matutino. Isso possibilita uma viagem mais tranquila e o vestibulando estará mais descansado no dia da prova. Já quando o vestibular for somente à tarde, é possível ir de manhã cedo, tomando-se economicamente mais atrativo para o aluno", esclarece.

Nota de corte x candidato/vaga

Situações como o índice candidato por vaga e a nota de corte, podem também preocupar o aluno, em especial na Medicina. Entretanto, conforme aponta o diretor pedagógico do Acesso, Edson Felipe Grillo, tópicos como esses são os pontos menos importantes a se observar. "Primeiramente, o aluno deve ter a consciência que o candidato/vaga é em torno de 20 bons alunos e não mais que isso e que a pontuação mínima para se passar no vestibular é de 80% da prova". Ou seja, caso o candidato obtenha pontuação parecida em simulados e provas anteriores, a probabilidade de passar é enorme.

Diante disso, avalia-se a concorrência geral para o curso de Medicina na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e que tem aumentado gradativamente ano a ano (veja box). Taxa de desemprego enorme e insegurança na valorização dos profissionais são alguns aspectos analisados por Grillo, na busca pela estabilidade. "Se olharmos o caminho da vocação, essa incerteza não deveria existir pois o profissional com vocação sempre terá sucesso. Porém, vivemos um dilema de ingresso na carreira universitária. 'Crianças' de 16 anos escolhendo o que farão para o resto da vida é preocupante".

Para efetuar um bom resultado nessas provas, o Acesso Educação orienta os alunos com uma lista de incidências do que é mais cobrado – por matéria – nos vestibulares de Santa Catarina. Trabalho, pesquisa e análises são os segredos de se saber o que vai ser cobrado na prova, além é claro, de servirem de orientação para o candidato.

* Observação: Foram avaliadas 12 provas no Paraná (Cesumar, FAG Faculdade Pequeno Príncipe, Fepar, PUC, UEL, UEM, UEPG, UFPR, Uninga, Unioeste e UP), três em Santa Catarina (Sistema Acafe, Udesc e UFSC) e oito no Rio Grande do Sul (PUC, UCPel, UCS, UFRGS, Ulbra, Unifra, Unisc e UPF).

UFSC 2016

Medicina (234,00);
Arquitetura e Urbanismo (51,54);
Direito – Diurno (49,45);
Direito – Noturno (40,90);
Engenharia Química – Diurno (38,35)

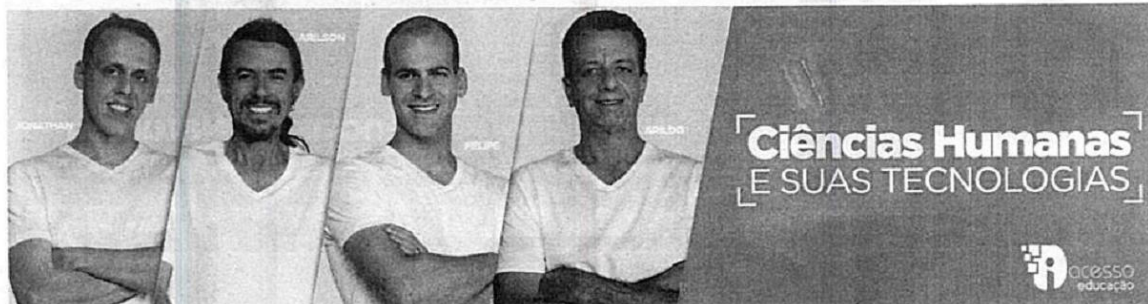
UFSC 2015

Medicina (118,12);
Arquitetura e Urbanismo (33,93);
Engenharia Química (27,96);
Direito – Diurno (27,62);
Engenharia Civil (26,75)

UFSC 2014

Medicina (104,38);
Arquitetura e Urbanismo (27,46);
Engenharia Civil (24,49);
Engenharia Química (23,88)
Direito – Diurno (23,62).

Fonte: Comissão Permanente do Vestibular – Coperve.



“Enem está garantido para os catarinenses”

Enem está garantido para os catarinenses / Ocupações / Santa Catarina / PEC 241 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira / Inep / Colégio de Aplicação / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / MEC / Mendonça Filho / IFSC / Brasil

SUA VIDA | EDUCAÇÃO

Enem está garantido para os catarinenses

LISTA MAIS RECENTE divulgada pelo Inep com locais onde provas serão transferidas devido a ocupações não tem instituições de Santa Catarina

GABRIELE DUARTE
gabriele.duarte@diariocatarinense.com.br

A pesar de até sexta-feira 21 escolas e universidades estarem ocupadas em Santa Catarina, em manifestações contrárias à PEC 241, nenhum local de prova será afetado na aplicação do Enem 2016, que acontece neste fim de semana. Acre, Amazonas, Ceará, Roraima, Rondônia e São Paulo são os outros Estados onde a avaliação não será adiada. No restante do país, cerca de 240,3 mil alunos farão o exame somente em 3 e 4 de dezembro.

Em coletiva de imprensa no final da manhã de sexta-feira, o ministro da Educação, Mendonça Filho, junto a representantes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep), confirmou a realização das provas, inclusive, no Colégio da Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse local, que havia sido divulgado como “ocupado” pelo MEC em 1º de novembro, 480 alunos participam normalmente do Enem.

O ministro ainda anunciou que se houver qualquer ocupação ou situação de tumulto que ofereça risco à segurança do exame, a recomendação é que o coordenador do local suspenda a aplicação.

Mendonça Filho também comentou o esquema de segurança para aplicação do Enem, que terá reforço de policiamento nos locais próximo às provas.

240 INSTITUIÇÕES TERÃO PROVAS NO ESTADO

Nos campi do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) em Chapecó e São José, por exemplo, os alunos que participam da ocupação garantiram deixar o espaço por conta da prova. Somente no Estado são 240 lugares onde o exame será aplicado sem prejuízo para 176.656 estudantes.

Em todo o Brasil, são 364 locais de provas ocupados e 240.304 participantes prejudicados. O MEC garante ter avisado os estudantes que não farão a avaliação neste final de semana por e-mail, SMS, aplicativo do Enem e página do participante. Os custos para realização do Enem em nova data estão estimados em R\$ 12 milhões.

Caso você ainda não saiba onde fará o Enem 2016, é possível fazer a consulta pelo telefone 0800 - 616161 ou no site do Inep (enem.inep.gov.br/participante).

HORÁRIOS

- Os portões de acesso abrem às 12h e fecham às 13h.
- As provas terão início às 13h30min.
- Recomenda-se que todos os participantes cheguem ao local de prova até as 12h (horário oficial de Brasília), já que será proibida a entrada após o fechamento dos portões.

O QUE LEVAR

- É obrigatório apresentar documento original de identificação com foto.
- Cédulas de identidade (RG), carteira de trabalho e previdência social e carteira nacional de habilitação com foto são alguns dos documentos aceitos. Tire dúvidas em enem.inep.gov.br/duvidas-frequentes.html
- Apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente, pode ser utilizada na prova.

Diário Catarinense Opinião

“Dica aos professores: as coisas não vão se arrumar sozinhas”

Dica aos professores: as coisas não vão se arrumar sozinhas / Luíza
Fernandes / Estudante de Psicologia / UFSC / CFH / Educação

Dica aos professores: as coisas não vão se arrumar sozinhas

Essa é a minha sala de aula. No início da semana, os professores e alunos do CFH chegaram nas salas e encontraram elas assim: com as cadeiras viradas e um jornalzinho falando sobre a mobilização da Psicologia.

Chegar na sala de aula e encontrar as carteiras viradas foi tão desconcertante que alguns professores chegaram a paralisar as suas aulas por não saber o que fazer.

A gente não impediu ninguém de entrar nas salas. A gente não paralisou nenhuma aula da psicologia. A gente só virou as carteiras.

É muito louco pensar como isso é simbólico sobre a educação que a gente recebe e como ela se estrutura: se a sala de aula não está como seria esperado, o professor não sabe o que fazer. Dá bug, tela azul. Era só virar as carteiras de volta e dar a aula normalmente! Nem sequer era uma intervenção que obrigasse o professor a inovar na sua aula, ir para um espaço aberto ou qualquer



LUÍZA
FERNANDES

coisa do tipo – era só perder cinco minutos desvirando as carteiras.

Vai ver pra quem tá tão acomodado nesse esquema “alunos sentem na minha frente e vejam meus slides entediantes enquanto jogo informação em cima de vocês”, pra quem tá tão acostumado a dar as mesmas aulas do mesmo jeito há 20 anos, quem não ouve o que o estudante tem pra dizer (ler o nosso jornal e entender o que estava acontecendo? Deus me livre!), desvirar carteiras é revolucionário demais. Melhor cancelar a aula e esperar que tudo se arrume sozinho.

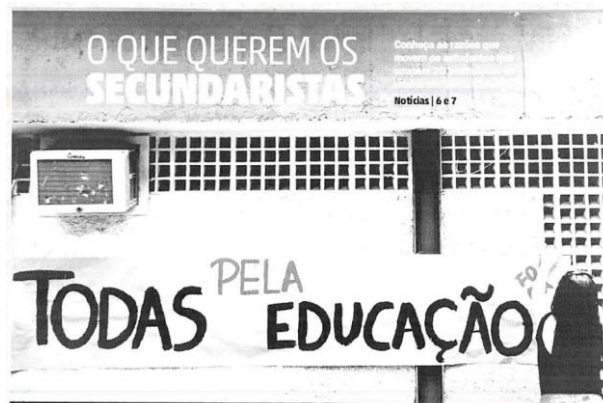
Fica a dica para os professores, então: as coisas não vão se arrumar sozinhas. É a gente, com muita luta e resistência, que vai fazer as coisas se arrumarem. E isso não vai respeitar a zona de conforto de vocês.

Estudante de Psicologia da UFSC

Diário Catarinense Capa e Notícias

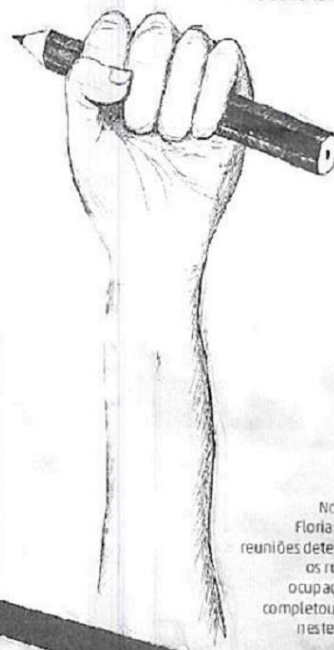
“Primavera secundarista”

Primavera secundarista / Educação / Estudantes / Ocupação / PEC 55 /
Proposta de Emenda Constitucional / Curso de Psicologia / Centro de
Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Federal de Santa Catarina /
UFSC / Florianópolis / Ocupa Escola / Reforma do Ensino Médio / Teto para
o gasto / PEC 241 / Udesc / IFSC / MEC / Ministério da Educação /
Congresso Nacional / IFC / Movimento Brasil Livre / MBL / Desocupa / Enem





ASSISTA AGORA
Veja o movimento secundarista pelo
Estado em leladr.sc/ocupacaoescolas



No IFSC de Florianópolis, reuniões determinam os rumos da ocupação, que completou 10 dias neste sábado

PRIMAVERA SECUNDARISTA

COM PAUTAS DIVERSAS e apoio dos gestores das instituições, estudantes ocupam pelo menos 20 escolas no Estado e abrem discussão sobre como chegar a uma educação melhor sem a necessidade de limitar os investimentos na área, como prevê a PEC 55, em análise no Congresso Nacional

CAROLINE BORGES

caroline.borges@diariocatarinense.com.br

Por volta das 10h da primeira terça-feira de novembro, os estudantes da ocupação instalada no hall do prédio do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) elaboravam oficinas, limpavam a mesa do café e enfileiravam as cadeiras. Além das aulas dentro das salas, naquele dia haveria outras lições no local.

No prédio no Centro da Capital desde o dia 26 de outubro, o grupo de secundaristas e graduandos não divulga o número de jovens que fazem parte do movimento. Também não mostram os rostos na hora da foto. Enquanto conversam com a reportagem, eufecam-se quando um esquece a orientação passada em assembleia e se refere a outro colega pelo nome.

— Não queremos nossos nomes divulgados, nem o rosto. É questão de segurança — enfatiza uma das estudantes secundaristas.

Sem dar detalhes das articulações internas, o grupo afirma que tem contato com outras ações pelo Estado. Ao todo, são pelo menos 20 unidades de ensi-

no ocupadas nas últimas quatro semanas, entre institutos federais, universidades públicas e escolas estaduais.

Os estudantes se dizem contrários à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55, que estabelece o teto dos gastos públicos da União por até 20 anos com reajuste pela inflação. Apesar de garantirem que o movimento é apertado, admitem que a mobilização é de oposição ao atual governo.

Somos apertados, mas aqui é sempre "Fona, Temer" — contou uma estudante de psicologia no Centro Acadêmico de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de SC (UFSC) em Florianópolis, ocupado desde o dia 31.

Os grupos são influenciados pelo "Ocupa Escola", movimento que surgiu em São Paulo em novembro de 2015. Secundaristas contrários à reestruturação escolar proposta pelo governo de Geraldo Alckmin (PSDB) ocuparam 190 escolas por quase três meses. Com ações do Ministério Público e da Defensoria Pública, o Estado recuou no projeto. A principal reivindicação era a mesma de SC: a melhoria na educação.

— A reivindicação é por uma

O MOTIVO DAS OCUPAÇÕES

O QUE PEDEM OS ESTUDANTES?

Barreira PEC 55

O QUE ELAS PROPÕEM?

- Mais diálogo e participação da comunidade escolar nas decisões sobre a educação.
- Auditoria da dívida pública, em vez de estabelecer um teto para investimentos em saúde, educação e seguridade social.

escola pública de qualidade. Querendo ou não barrar a PEC é o início dessa luta — diz uma aluna que participa das ações.

O movimento, que se diz horizontal e sem lideranças, também é contrário ao projeto Escola Sem Partido, em tramitação no Congresso. Em conversas surge a defesa de uma discussão aprofundada sobre a reforma do ensino médio. Sociólogo e professor da Universidade do Sul de SC (Unisul), Valmir dos Passos cita o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff como mais um motivo para a mobilização. Segundo ele, a diversidade de pautas se explica pela juventude dos grupos.

O QUE É A PEC 55?

Proposta de emenda à constituição que estabelece um novo teto para o gasto do governo federal, que terá como limite a despesa do ano anterior corrigida pela inflação, pelo prazo de 20 anos. Foi aprovada na Câmara como PEC 241 e tramita no Senado como PEC 55.

— Muitos deles são novos, é natural que tenham insegurança a respeito da causa ou de o que fazer. Mas, acima de tudo, eles estão dizendo: "Queremos participar disso e queremos debater".

GESTORES DE INSTITUIÇÕES DEFENDEM MOBILIZAÇÃO

Na Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc) — ocupada desde o dia 26 —, o reitor, Marcus Tomasi, assinou manifestação pública contra a PEC e outras medidas federais para a educação. Na UFSC, servidores estão em greve desde o dia 24, contrários às medidas do atual governo. A diretora do IFSC Flo-

rianópolis, Andréa Martins Andujar, diz que o ambiente tranquilo da ocupação proporciona troca de experiências.

— Temos aprendido a cada momento. Existe um respeito muito grande pelo ser humano e pelas suas posturas e posições.

No entanto, o professor de Direito e de Ciências Políticas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) Eduardo Guirini defende que o movimento é orquestrado a partir de uma reação dos partidos que apoiavam o governo Dilma, já que algumas das medidas anunciadas já eram feitas pelo antigo governo.

— É uma tentativa de retomar o discurso mais radicalizado. Ele não tem profundidade e não ganha adesão na sociedade. Pelo contrário, há uma reação negativa.

Responsável pela gestão dos institutos federais, o Ministério da Educação (MEC) afirma que o direito dos jovens de protestar é legítimo, mas que "ninguém deve impedir o direito de ir e vir para a escola". Já o governo do Estado, que administra as escolas estaduais pela Secretaria de Educação, não quis se manifestar sobre o movimento.

ONDE FICAM AS ESCOLAS OCUPADAS

Movimento começou no dia 17 de outubro em Rio do Sul. Apenas uma das instituições não está mais ocupada.



1 CHAPECÓ

Universidade da Fronteira Sul

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Aulas estão parcialmente suspensas.

EEB Professora Irene Stonoga

Escola Indígena Fen'ô

EEB Antônio Morandini

EEB Marechal Bormann

EEB Tancredo de Almeida Neves

Ocupada entre 20 e 31 de outubro.

2 DIONÍSIO CERQUEIRA

EEB Dr. Theodoretto Carlos Faria Souto

3 SANTA ROSA DO SUL

Instituto Federal Catarinense (IFC)

4 ARARANGUÁ

IFSC

5 XANXERÊ

IFSC

6 SÃO JOSÉ

IFSC

7 PALHOÇA

IFSC

8 ARAQUARI

IFC

9 CAMBORIÚ

IFSC

10 ABELARDO LUZ

IFSC

11 CONCÓRDIA

IFSC

12 SOMBRIO

IFSC

13 FLORIANÓPOLIS

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Ciências da Educação da UFSC

Reitoria da Udesc

IFSC

14 RIO DO SUL

IFC (campi Centro e Agrícola)

Em Camboriú, "Desocupa" entra em cena

DAGMARA SPAUTZ

O resultado apertado da votação entre estudantes que definiu a ocupação do IFC em Camboriú - 170 a 164 - fez da unidade a primeira no Estado a registrar o surgimento de um grupo pró-desocupação. Diante da polarização, a instituição reconheceu os dois movimentos e acompanha as negociações e o embate de ideias.

A convivência, até agora, é pacífica. Mas a entrada de representantes do Movimento Brasil Livre (MBL) - grupo que nasceu das ações pró-impeachment e prega a invasão das escolas ocupadas - levou a um reforço nas medidas de segurança. De acordo com integrantes da ocupação, membros do MBL teriam entrado no campus dizendo que estavam em busca de informações sobre os cursos, mas se infiltraram entre os estudantes.

Alunos que integram o Desocupa negam que tenham chamado o MBL, mas os autorizaram a usar imagens feitas dentro da escola. A preocupação em relação à segurança aumentou na medida em que começaram a se propagar nas redes sociais sugestões de uma desocupação à força. A Associação Catarinense de Advogados pela Democracia (Acad) ofereceu suporte legal aos estudantes do movimento Ocupa IFC.

Entre os alunos que integram a ocupação em Camboriú estão adolescentes participativos, com boas notas e sem histórico de ocorrências disciplinares. Os dias de ocupação na escola têm programação com palestras e aulas preparatórias para o Enem, ministrados por voluntários. No tempo livre, eles limpam e fizeram pequenos consertos na unidade. A alimentação tem sido providenciada pela comunidade

- pais e professores favoráveis ao movimento colaboram com o cardápio. À noite, cerca de 30 estudantes se revezaram para dormir nas escolas e resguardar a ocupação.

- Não tivemos incidentes nem depredação. Respeitamos os movimentos com diálogo e conversação - diz Rogério Luís Kerber, diretor do campus Camboriú.

A ocupação completou 12 dias na última sexta-feira. O movimento, entretanto, fez uma trégua: em acordo com a direção, retirou cartazes e desmontou a estrutura de ocupação para que não houvesse interferência na realização do Enem. Uma nova assembleia vai decidir os rumos do movimento, mas a tendência é de que ele seja levado para fora do instituto. O grupo prepara um documento com reivindicações locais, que será entregue à reitoria e integrará a agenda de um encontro nacional entre reitores.



IFC no Norte do Estado tem cerca de 1,5 mil alunos sem aulas regulares.

Comissões em Araquari

LEANDRO S. JUNGES

Enquanto um grupo de alunos ajuda na limpeza e manutenção do IFC de Araquari, outra turma vai a uma das várias aulas preparatórias para o Enem ou para oficinas especialmente agendadas e espalhadas pelo campus. Todos os dias, uma atividade diferente faz parte da "programação da ocupação", uma maneira de tornar útil a paralisação das aulas no local, ocupado desde o dia 19. Pelo menos 1,3 mil alunos estão sem aulas regulares no instituto.

- É preciso que haja cortes e controle de gastos, mas não na educação e na saúde. A sociedade não evolui sem investimentos nessas duas áreas. Um país como o Brasil não pode ficar sem investimentos em educação e saúde - diz Erika Amaral, estudante de Medicina Veterinária.

Desde a ocupação, os jovens foram divididos em comissões de segurança, alimentação, atividades, organização, limpeza e autorizações. Como o Conselho Tutelar foi até a escola logo nos primeiros dias da manifestação,

um grupo teve de garantir que os menores que frequentam o local tenham o consentimento dos pais ou responsáveis.

A maioria debate com argumentos claros as reivindicações das ocupações pelo país, mas poucos são autorizados a falar em nome do movimento. Quando algum visitante chega à escola, é convidado a apresentar credenciais e fica acompanhado de uma liderança. Nem todas as reuniões são abertas a todos.

Como o que está em jogo é o interesse dos estudantes, atividades ligadas ao ensino predominam. Há sessões de filmes com debates, apresentações teatrais e cursos de interpretação. Entre as atividades práticas, banho e tosa em cães de alunos ou de pessoas da comunidade, feitos pelos alunos do curso de Veterinária.

A comunicação entre os líderes e integrantes do movimento é feita em grupos do aplicativo Whatsapp. Nas paredes da instituição há panfletos colados informando as regras da ocupação. Não portar armas, por exemplo, está entre elas.

Episódio de tensão no Oeste

DARCI DE BONA

Com nove instituições de ensino ocupadas, o Oeste é a região com maior número de mobilizações até o momento no Estado. E foi a partir de um episódio ocorrido em Chapecó que Santa Catarina ganhou destaque nacional na internet durante o movimento de ocupação. Uma fotografia, que circulou em redes sociais, mostrava um policial apontando uma arma para uma estudante na tentativa de ocupação da escola EEB Irene Stonoga.

A imagem foi extraída de um vídeo gravado por alunos durante ação da Polícia Militar, no momento em que um agente andava entre os alunos,

acomodados em uma das salas da escola. Segundo a Secretaria de Educação, os estudantes não tinham autorização da direção para entrar no colégio e, por isso, a PM foi chamada para conter um princípio de tumulto.

Segundo os alunos, a ação deixou alguns integrantes do movimento de ocupação constrangidos e ate uma promotora da Infância e da Juventude visitou o local. Apesar do episódio, a ocupação segue no local, com palestras e oficinas, desde o dia 27 de outubro. Na última semana, a gerência regional da Secretaria de Educação assumiu a coordenação da escola, depois que a diretora da instituição pediu afastamento alegando questões de saúde.

Nomes que despontam da eleição / UFSC / Rodolfo Joaquim Pinto da Luz /
Ex-Reitor / Elson Pereira

NOTÍCIAS | POLÍTICA

DIÁRIO CATARINENSE
SABADO E DOMINGO
5 E 6 DE NOVEMBRO DE 2016 8

Nomes que despontam da eleição

PARTIDOS MAPEIAM QUEM sai fortalecido da eleição para disputar vagas na Câmara dos Deputados e na Assembleia

UPIARA BOSCHI
Luz@diariocatarinense.com.br

Em eleição, nem toda derrota é amarga. Seja pela votação que alcançaram ou por acionlos partidários e regionais, alguns dos candidatos que perderam as eleições municipais surgem como nomes importantes para as vagas de deputado estadual e federal em 2018. Os partidos já mapeiam quem sai fortalecido politicamente das urnas para compor as chapas proporcionais.

Em alguns casos, o derrotado vira pre-candidato quase que instantaneamente. Em Itajaí, por exemplo, a vereadora Anna Carolina Martins (PSDB) tornou-se aposta natural para uma vaga na Assembleia Legislativa após perder a disputa pela prefeitura para Volnei Morastoni (PMDB) por escassos 789 votos. A cidade não conquistou nenhuma cadeira no parlamento estadual em 2014, o que fez da eleição municipal um trampolim evidente para a nova disputa.

O exemplo de Anna Carolina se repete por todo o Estado. Em Florianópolis, por exemplo, dois nomes saem em alta junto aos partidos para 2018. Candidato a vice na chapa de Angela Amin (PP), Rodolfo Pinto da Luz virou estrela da propaganda eleitoral na última semana e foi considerado um dos responsáveis pela arrancada da pepista que quase levou a virada sobre Gean Loureiro (PMDB), eleito por 1.153 votos.

Da Capital, o desempenho do urbanista Elson Pereira (PSOL) também o credenciou à disputa parlamentar. Ele ficou em terceiro lugar, com 20% dos votos. No caso do PSOL, a estratégia deve levar os principais nomes do partido a disputar a Câmara dos Deputados por causa da expectativa de que o Congresso apóie a criação de uma cláusula de barreira que imponha restrições às legendas que não alcançem uma votação mínima para deputado federal.

DOIS RECORDISTAS ESTADUAIS DE VOTOS ESTÃO ENTRE AS APOSTAS

Além dos derrotados, também aparecem no mapa dos partidos os candidatos a vereador que alcançaram maiores votações ou que tem uma trajetória consolidada no Legislativo municipal. No primeiro caso, despontam Pedrão (PP) em Florianópolis e Fernando Krelling (PMDB) em Joinville. Ambos ultrapassaram a marca 10 mil votos, quebrando o recorde estadual de votações para vereador. Suas candidaturas dependem de arranjos partidários. No caso de Pedrão, o PP já tem em João Amin um deputado estadual na região da Capital. Em Joinville, o nome preferencial do PMDB é o vereador reeleito Rodrigo Fachini, ligado ao deputado federal Mauro Mariani (PMDB).

A história política traz muitos casos de políticos que migraram da esfera municipal para a estadual na eleição seguinte. O maior exemplo recente é o do deputado estadual e agora prefeito eleito Gean Loureiro. Em 2012, ele foi ao segundo turno contra Cesar Souza Junior (PSD) e perdeu por 11 mil votos. O resultado fez dele o principal nome do PMDB na região e garantiu uma cadeira na Assembleia dois anos depois. Entre os vereadores, as inspirações são os deputados estaduais Cesar Valduga (PCdoB) e Patricio Destro (PSB) – vereadores mais votados de Chapecó e Joinville dois anos antes de conquistarem as cadeiras no parlamento estadual.

OS DESTAQUES



Rodolfo Pinto da Luz (PSD)
60.959 votos na chapa
Candidato a vice-prefeito na chapa da Angela Amin (PP) em Florianópolis, o ex-reitor da UFSC foi apontado como um dos principais fatores da recuperação da candidata no segundo turno.



Elson Pereira (PSOL)
51.016 votos
Depois do terceiro lugar em Florianópolis, é provável que concorra a deputado federal para tentar ajudar o PSOL a superar a cláusula de barreira a ser criada na reforma política.



Mariúsa Boehm (PSDB)
42.058 votos na chapa
Foi candidata a vice-prefeita na chapa de Marco Tebaldi (PSDB) em Joinville e será um nome de renovação para os tucanos do Norte do Estado.



Anna Carolina (PSDB)
37.824 votos
Depois de perder a prefeitura de Itajaí para Volnei Morastoni (PMDB) por 789, a vereadora tornou-se nome natural para disputar uma vaga na Assembleia Legislativa.



José Natal (PMDB)
30.773 votos
Filiado ao PMDB no início do ano, o atual vice-prefeito foi derrotado por Adeliana Dal Pont (PSD), mas se consolidou como nome do partido na cidade para a Assembleia.



Mardius Machado (PR)
30.525 votos
O vereador lageano surpreendeu com o segundo lugar na disputa pela prefeitura este ano e deve tentar mais uma vez a vaga na Assembleia.



Fábio Flor (PP)
22.689 votos na chapa
Vice na chapa de Betonel Pavan (PSDB) este ano, o pepista já é suplente de deputado estadual e deve tentar uma vaga na Assembleia.



Antonio Tomazini (PSDB)
17.903 votos
O tucano perdeu a prefeitura de São Bento do Sul por apenas 145 para Marino Bulimanni (PP) e passou a ser aposta do partido na região.



Garibaldi Ayroso (PT)
14.400 votos
O prefeito de Rio de Sul não conseguiu a reeleição, mas sai como nome natural do PMDB para concorrer a uma vaga na Assembleia Legislativa.



Fábio Brezola (PT)
11.890 votos
Depois de disputar duas vezes a prefeitura de Chorrochó, o empresário deve ser lançado à Assembleia como uma aposta de renovação do PT.



Pedrão (PP)
11.197 votos
Pedrão foi reeleito na Capital com 11.197 votos, que fizeram dele o vereador mais votado da história de Santa Catarina e o credenciado a disputa para deputado estadual ou federal.



Fernando Krelling (PMDB)
10.523 votos
O peemedebista de Joinville também emplacou uma votação histórica - 10,5 mil votos - e é nome natural à Assembleia. Por enquanto, ainda que não concorra, mas pode ser incentivado por Udo Dahler.



Rodrigo Fachini (PMDB)
6.243 votos
Reeleito na Câmara de Joinville, o nome do partido na cidade para a vaga de deputado estadual, com a benção do deputado federal Mauro Mariani.



Lucas Neves (PP)
6.192 votos
O jornalista fez a maior votação da História da Lages para vereador e é nome natural para uma vaga na Assembleia, mas pode ter que enfrentar uma fila dentro do partido.



Marcos da Rosa (DEM)
5.571 votos
Duas vezes seguidas o vereador mais votado de Blumenau, o demista deve ser aposta do partido para a Assembleia.



Marquito (PSOL)
5.448 votos
Segundo vereador mais votado em Florianópolis, o ambientalista tem tudo para ser o nome do PSOL para a Assembleia Legislativa na Capital.



Rodrigo Coelho (PSB)
4.406 votos
Atual vice-prefeito de Joinville, Coelho apóia Dário de Matos (PSD) e concorre a vereador. Fielto, tem a endorsement do PSB para concorrer a deputado federal.



Gui Pereira (PR)
4.349 votos
Depois de chegar ao segundo mandato na Câmara de Florianópolis com a maior votação da base governista, Gui Pereira pode ser candidato especialmente se for o presidente da Câmara.



Mardiele Vignatti (PT)
2.535 votos
Mulher de Claudio Vignatti, Mardiele se candidatou para a Câmara de Chapecó. Disputa Assembleia se a atual deputada estadual Luciane Carminatti (PT) buscar vaga em Brasília.



Thiago Morastoni (PMDB)
2.340 votos
Filho do prefeito eleito Volnei Morastoni (PMDB) Thiago reeleveu-se vereador com a maior votação de Itajaí. Será o candidato do PMDB à Assembleia Legislativa pela cidade.

Diário Catarinense - Sua Vida "Medicina personalizada para o câncer"

Medicina personalizada para o câncer / Saúde / Sistema imunológico / Agência Nacional de Vigilância Sanitária / Anvisa / Pembrolizumabe / Sistema Único de Saúde / SUS / Radioterapia / Quimioterapia / Cirurgia / Revista Science / Associação Americana para o Progresso da Ciência / Simone Cristina Costa Henrique / Trastuzumabe / Centro de Pesquisas Oncológicas / Cepon / Florianópolis / Estudante / Curso de Biblioteconomia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Silma Borges Terra / Fundação Santa Casa de São Paulo / Carlos Sérgio Chiattoni / Abvvie no Brasil / Manuel Uribe / Mary Anne Taves / Oncologia / Imunoterapia / IMS Health / Drogas / Hospital de Clínicas / Universidade Federal do Paraná / Ricardo Pasquini / Ministério da Saúde / Camila Donadel

SUA VIDA SAÚDE

DIÁRIO CATARINENSE
SÁBADO E DOMINGO
5 E 6 DE NOVEMBRO DE 2016 24

Simone Cristina Henrique comemora com a equipe médica toda vez que recebe a medicação que lhe dá menos efeitos colaterais



MEDICINA PERSONALIZADA PARA O CÂNCER

IMUNOTERAPIAS E TERAPIAS-ALVO surgem como alternativa para minimizar efeito colateral e fortalecer o sistema imunológico no tratamento da doença. Medicamentos complementam métodos como a quimioterapia

GABRIELE QUARTE
reportagem da rede nacional ecotarinense.com.br

Foi um alívio quando eu descobri que poderia usar esse medicamento. [Com ele] não tenho tantas dores, não fico tão indisposta, o cabelo não cai e a imunidade fica razoável.

SIMONE CRISTINA HENRIQUE
estudante de Biblioteconomia na UFSC

Pacientes em tratamento de câncer de pele em estado avançado comemoram a aprovação recente da Agência Nacional de Vigilância (Anvisa) do uso de um novo medicamento nesta semana. Trata-se do pembrolizumabe, um tipo de imunoterapia que, junto com as terapias-alvo (leia mais ao lado), tem aparecido na vanguarda do tratamento de diferentes tipos da doença com a promessa de minimizar os efeitos colaterais e aumentar a expectativa de vida após o diagnóstico.

O custo dessas novas drogas, no entanto, faz com que ainda sejam pouco acessíveis tanto pelos pacientes quanto pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e planos privados de saúde, que nem sempre conseguem disponibilizar as substâncias sem intervenção judicial.

A possibilidade de substituir

a agressividade da radioterapia e quimioterapia tradicionais ou de uma cirurgia vem renovando a esperança dos pacientes. Isso é explicado pelo mecanismo de ação bastante específico da imunoterapia: ataca as células doentes, enquanto mantém intactas as saudáveis. O tipo de tratamento foi considerado o avanço do ano de 2013 pela revista Science, da Associação Americana para o Progresso da Ciência, e desde então vem ganhando adeptos.

MENOS DORES E MAIS DISPOSTA

Após recuperar-se de um câncer de reto extremamente agressivo, que lhe custou incontáveis cirurgias, quimioterapia convencional, seis meses de internação e até quemadura proveniente de ondas de rádio, a decoradora de Blumenau Simone Cristina Costa Henrique, 43 anos, foi surpreendida pela reincidência. Consultas de rotina indicaram a presença

de um tumor de quase um centímetro na mama. O tamanho do nódulo foi um dos pré-requisitos para que ela tivesse acesso à substância trastuzumabe, disponível no SUS desde 2013.

Foi um alívio quando eu descobri que poderia usar esse medicamento. [Com ele] não tenho tantas dores, não fico tão indisposta, o cabelo não cai e a imunidade fica razoável. Porque o mais complicado é isso: quem trata câncer, não trata só o câncer, mas o que geralmente vem em decorrência - explica Simone.

Ela ainda associa a terapia-alvo à quimioterapia convencional no Centro de Pesquisas Oncológicas (Cepon), em Florianópolis, por tratar-se de um protocolo do sistema de saúde. De três em três semanas, quando assina o documento que confirma o recebimento intravenoso da droga, Simone comemora - junto com funcionários e pacientes, que se tornaram amigos após mais de três anos de convivência.

FOCO NA MUTAÇÃO MOLECULAR

• O câncer é uma doença complexa, que varia muito de caso a caso. Pesquisas científicas têm permitido que os médicos conheçam cada vez melhor os diferentes tipos de tumores. Quanto mais se estuda sobre eles, mais se direciona a respeito das particularidades de cada um e mais se avança na obtenção de drogas com bons resultados.

• Novos medicamentos são desenvolvidos para grupos de pacientes com características semelhantes entre si. Em geral, trata-se de uma mutação genética ou molecular - a terapia-alvo mira essa anomalia.

• O mapeamento do DNA (procedimento que hoje pode custar entre R\$ 3 mil e R\$ 12 mil) permite que o médico conheça o perfil do doente em detalhes, o que o auxilia na escolha da medicação.

• O tratamento pode impedir a progressão da enfermidade, fazer com que ela regreda ou até mesmo alcançar a cura. Existe também o risco de que o tumor não responda e o paciente não obtenha nenhum benefício com o tratamento.

• Há medicações personalizadas, que o paciente pode tomar em casa, na forma de comprimidos, e outras endovenosas, aplicadas no hospital.

Vida nova após estímulo ao sistema imunológico

A estudante de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Silma Borges Terra, 51, teve câncer de mama diagnosticado em um exame de rotina há 10 anos, quando morava em Porto Alegre. A partir da liberação do plano de saúde a que tinha direito na condição de cônjuge de funcionário público, foi uma das primeiras pacientes a ter acesso a esse tipo de tratamento. Ela descobriu só mais recentemente que havia utilizado imunoterapia, tendo em vista que à época sequer se utilizava esse termo, segundo Silma.

– Confiei na minha médica. Eu disse para ela: tu trata de me curar, que eu trato de viver. E vivi, sem efeito colateral grave. Era uma tranquilidade. E sem uma gripe por 10 anos. Acredito que também agiu na minha imunidade, pareceu uma vacina. Ainda bem, porque viver é muito bom – comemora.

Para o professor titular da Fundação

Santa Casa de São Paulo, Carlos Sérgio Chiattoni, o reconhecimento amplo da eficácia do tratamento entre a classe médica se deve ao estudo aprofundado do funcionamento das células cancerosas, que só aconteceu recentemente.

– Passamos anos sem novidades. Um exemplo é a utilização até hoje de um quimioterápico desenvolvido nos anos 1950. Em alguns casos, essa droga ainda é útil. Em outros, não. E as novas drogas suprem essa demanda de forma cada vez mais personalizada. Estamos conhecendo com muita propriedade quais são os estímulos por onde passam as mensagens do sistema celular que fazem com que a célula deixe de ser normal, se divida mais rapidamente ou deixe de morrer – analisa.

Mesmo raciocínio tem o presidente da companhia farmacêutica alemã Abbvie no Brasil, Manuel Uribe, que defende alternativas no tratamento da doença, que até 2030 deve atingir

21 milhões de pessoa no mundo.

– Há uma necessidade muito grande de se desenvolver terapias mais efetivas contra o câncer, apesar de todos os avanços científicos que estamos vendo. E as pesquisas devem manter o foco na seletividade, em terapias biológicas – arriesca.

A chefe de hematologia do Cepon, Mary Anne Taves, reconhece o impacto das novas drogas, mas faz ressalvas ao uso indiscriminado.

– Antes, a oncologia era uma sentença de morte. Essa impressão vem se desfazendo aos poucos. Saiu do status de doença fatal para o de uma doença crônica. E um problema de saúde pública, porque os pacientes estão vivendo 10, 15, 20 anos. Quanto custa isso? Por isso, além de indicação de tratamento, existem critérios para uso de novas drogas. Estamos sempre tentando defender que sobre dinheiro para o que é importante – indaga.



Silma Terra foi uma das primeiras pacientes a receber imunoterapia no Brasil.

IMUNOTERAPIA

- No câncer, a célula desenvolve uma alteração genética, cresce descontroladamente, invade outros tecidos e se dissemina. Há algo errado no sistema imunológico do paciente permitindo que isso aconteça. Na imunoterapia, também considerada uma terapia-alvo, o foco do tratamento, em vez do câncer, são esses mecanismos “defeituosos” do corpo. Quando os processos de defesa se normalizam, tornam-se capazes de conter o avanço da doença.

ACESSO AO MEDICAMENTO

- O paciente que descobre um câncer com uma mutação genética específica que necessita de uma medicação ainda não aprovada pela Anvisa pode conseguir-la em outros países que já a utilizam, importando-a.
- Se o doente não puder financiar os altos custos do medicamento, a saída é tentar obtê-lo por via judicial, exigindo a compra pelo convênio médico ou junto ao SUS.
- Há médicos envolvidos em projetos de pesquisa em diferentes países que conseguem obter medicações em teste ou encaixar pacientes como voluntários de estudos. É importante que os pacientes perguntem sobre drogas novas e pesquisas que possam estar disponíveis.



Custo elevado dificulta acesso à medicação

A IMS Health estima que 500 novos medicamentos contra o câncer estejam em desenvolvimento no mundo. Apesar da variedade, as drogas ainda têm custo elevado. Uma única injeção de substância que combate um tipo de melanoma custa US\$ 30 mil (cerca de R\$ 90 mil). Somada as três outras doses necessárias, o custo total ao paciente pode chegar a R\$ 360 mil.

– São drogas de alto custo, que podem trazer problemas econômicos para os países, principalmente como o nosso – avalia o hematologista do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná Ricardo Pasquini, que realizou o primeiro transplante de medula óssea no Brasil.

Para Chiattoni, há três formas de baratear o custo, que ele também considera elevadíssimo.

– Estabelecer concorrência, aprimorar o processo e nichar a indicação da droga ao identificar fatores prognósticos – defende.

Em 2015, o Ministério da Saúde gastou, por demanda judicial, R\$ 276 milhões na compra de 48 tipos de medicamentos para o tratamento oncológico no país – 47 possuem registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária, exceto o fármaco bendamustina. Além da judicialização e da compra direta, pacientes têm acesso à imunoterapia e às terapias-alvo em pesquisas clínicas, como as que acontecem desde 2015 no Cepon.

A farmacêutica Camila Donadel é quem coordena os estudos feitos em parceria com a própria indústria de fármacos, que precisa executá-los em todo o mundo antes de solicitar registro aos órgãos de saúde pública. Segundo a especialista, o fato de não haver uma geração que já tenha sido tratada com as novas drogas não aumenta os riscos.

– Riscos existem sempre que se utiliza qualquer medicamento. Mas os estudos clínicos são antecelidos por vários anos de pesquisa. Então é um risco que está calculado – garante.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 05/11/2016

Suspensão de local de prova na última hora surpreende candidatos do Enem

Nº de escolas com suspensão do Enem chega a 404; 269.657 estudantes são afetados

Enem é adiado nos prédios do CED e CFH, na UFSC, informa Inep